

# Rosa Luxemburgo ou Lenin

**August Thalheimer**

- **Artigo, Marxismo, Memórias de um revolucionário**
- **janeiro 19, 2026**

No dia 15 de janeiro, a classe trabalhadora revolucionária na Alemanha celebra **simultaneamente** Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Lenin. No imaginário e no sentimento do trabalhador revolucionário alemão, eles ocupam o mesmo patamar, como os maiores campeões da revolução proletária até então. Cada um com suas próprias características, suas próprias realizações, seu próprio caráter revolucionário, seu próprio papel. O nome de Lenin brilha com o fulgor claro do vencedor da primeira revolução proletária e seu impacto frenético e contagiante em todo o mundo. Os nomes de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht são envoltos pelo brilho sombrio dos líderes de uma revolução esmagada em seu primeiro ataque, dos mártires da luta revolucionária, dos símbolos mais marcantes do árduo caminho do martírio e do sofrimento, mas também do espírito combativo inabalável da classe trabalhadora alemã. Se a primeira personifica o presente vitorioso e a verdadeira realidade da revolução proletária, o segundo personifica seu futuro, sua esperança, sua intenção de romper as barreiras e alcançar o Ocidente capitalista avançado. Os três são igualmente caros aos corações da classe trabalhadora revolucionária.

Somente os indivíduos menores e ambiciosos que hoje trabalham sobre os ombros desses gigantes, em ignorância obtusa, a fim de deturpar, perverter e demolir o que os outros construíram, reservam-se o direito de fazer a pergunta: 'Luxemburgo **ou** Lenin?' E decidem assim: Rosa Luxemburgo ficou presa no caminho para o bolchevismo (o nome comunismo aparentemente já não é suficiente), no centrismo ou semicentrismo, por assim dizer, de modo que ela foi um degrau – felizmente ultrapassado – rumo à altura à qual esses indivíduos se elevaram.

Seria igualmente errado, porém, contrapor a esse erro o oposto, de que o 'luxemburguismo' é a doutrina revolucionária superior ao leninismo.

Não é Luxemburgo **ou** Lenin, mas sim Luxemburgo **e** Lenin. Aqui não se trata de uma mistura obscura e de apagamento das diferenças, mas de reconhecer o papel e a importância particulares de cada um deles para a revolução proletária. Cada um deles deu à revolução proletária algo que o outro não deu, e não poderia dar. As razões podem ser encontradas no papel histórico distinto dos movimentos revolucionários nos quais eles estavam, sobretudo, enraizados e que eles, sobretudo, influenciaram.

Em primeiro lugar, analisemos a concepção geral da revolução proletária. Do marxismo revolucionário genuíno, tanto Rosa Luxemburgo quanto Lenin resgataram **a concepção geral da ditadura do proletariado** e o papel da violência revolucionária dentro dela. Rosa Luxemburgo defendeu essa concepção primeiramente no Ocidente, não apenas contra o revisionismo de Bernstein, mas também contra Kautsky, contra o “Centro Marxista” – assim denominado porque separou o centro revolucionário da concepção marxista da revolução proletária, ao dissipar a ditadura do proletariado e **limitar** a luta revolucionária à luta democrático-parlamentar-sindical.

A essência do Centro Marxista, do Kautskismo, tomou forma nos anos em que se sentia a aproximação da luta do proletariado pelo poder, e implicava que o que era apenas um certo período na luta do proletariado alemão e ocidental – a luta parlamentar e sindical por reformas – era um caminho absoluto, o único. O pensamento kautskista vacilou diante da transformação dialética do método de luta por reformas no da luta **revolucionária imediata**. Para o marxismo como um todo, substituiu-se o **fragmento** que a luta parlamentar-sindicalista da social-democracia alemã, entre os anos de 1870 e 1914, representava. Consequentemente, quando a história realmente colocou a questão da revolução proletária durante a guerra mundial imperialista, o Kautskismo recuou para o social-pacifismo e a democracia vulgar, e a democracia vulgar transformou-se em contrarrevolução descarada.

Bernstein e Kautsky, os “Gêmeos Siameses”, os polos da mesma mentalidade estreita, democrática e semi-marxista vulgar, encontram-se hoje logicamente juntos novamente com base na mesma concepção.

Em oposição a eles, Rosa Luxemburgo resgatou toda a concepção do marxismo, e consequentemente a sua verdadeira, devido ao fato de ter enxergado muito além

do setor alemão e da Europa Ocidental da luta proletária e, portanto, também no tempo, além do período puramente parlamentar e puramente sindical. Contudo, ela não era mais capaz do que Marx e Engels, ou qualquer outro, por mais engenhoso que fosse, de antecipar, a partir das profundezas da mente, descobertas e criações que somente a luta das massas proletárias em si era capaz de realizar. Os burocratas da revolução podem imaginar que conseguem substituir o poder criativo do processo histórico da revolução (mas, na realidade, isso só resulta em caricaturas impotentes). Enquanto a revolução proletária não assumisse uma forma real em lugar algum, a concepção da revolução proletária não poderia ir além do grau de precisão concebido por Marx e Engels a partir da Comuna Francesa, ou seja, teria que permanecer estagnada em uma concepção ainda muito geral e abstrata.

Um passo importante e decisivo além disso foi dado primeiramente pelo líder marxista revolucionário da classe trabalhadora que esteve mais próximo da Revolução Russa de 1905-1906 e, portanto, soube avaliar plenamente seus resultados do ponto de vista teórico. Esse papel coube a Lenin. A partir da Revolução de 1905-1906, ele concebeu a ideia da importância dos conselhos como embrião do poder estatal proletário e, em conexão com a Revolução de 1917, como a **forma concreta e fundamental do Estado da ditadura do proletariado**.

O verdadeiro criador dessa forma é a própria classe trabalhadora revolucionária. A conquista seminal de Lenin consiste em reconhecer o significado geral e a importância histórica dessa forma mais rapidamente, com mais clareza e profundidade do que qualquer outra pessoa, e em ter extraído conclusões prático-revolucionárias dessa percepção.

Seguindo uma direção diferente, Lenin concretizou a concepção, e com ela também o plano e a estratégia, da revolução proletária: no que diz respeito à relação entre o proletariado, o camponês-agrícola e a revolução nacional. O poderoso campo experimental das três revoluções russas também forneceu o material ilustrativo para isso. (Na descrição de Trotsky, em sua *“Tentativa de Autobiografia”*, tudo isso permanece na penumbra, o que pode ser agradável para ele, mas é prejudicial ao conhecimento histórico.) Assim que a revolução alemã se aproximou em 1918, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, Franz Mehring, Leo Jogiches e aqueles que se uniram a eles na Liga Espartaquista (*Spartakusbund*), adotaram imediatamente essa

concepção como seu ponto de vista e souberam utilizá-la **com total independência**, em um país com relações de classe substancialmente diferentes. Em um país onde a classe trabalhadora não constituía uma pequena minoria da população como na Rússia, mas a maioria. Onde a revolução agrária antifeudal já havia sido concluída. Onde o capitalismo havia atingido seu mais alto nível de desenvolvimento. Onde a classe trabalhadora estava acostumada, há décadas, a amplas organizações de massa, etc.

Nem os 'centristas' nem os 'semicentristas', nem mesmo meros alunos, muito menos os subordinados burocráticos de uma suprema autoridade burocrática da revolução proletária, eram capazes dessa tarefa; somente mentes revolucionárias independentes poderiam realizá-la. O resultado dessas conquistas, que dão continuidade à obra da revolução russa em solo alemão, é o Programa Spartakus, é a **Bandeira Vermelha** até as mortes de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

Nas regiões burocráticas do KPD, tornou-se comum atribuir a um "erro" subjetivo de Rosa Luxemburgo o fato de que, em novembro de 1918, a Liga Espartaquista ainda não era um partido de massas forte, mas apenas uma tendência numericamente fraca em transição para um partido. Segundo essa concepção, ela já teria "falhado" em "se separar" em 1914 ou 1915, ou mesmo já em 1903. Essa noção simplista não compreende que as condições para a construção de um partido revolucionário a partir de um partido de massas já existente, que reúne os elementos mais progressistas da classe trabalhadora, são diferentes daquelas em que tal partido de massas e organizações de massas ainda não existem, mas a tarefa é construir o núcleo revolucionário ao qual as massas proletárias desorganizadas se aderem. Essa, porém, era uma situação diferente na Rússia.

Em relação à **questão nacional**, a luta consistente de Rosa Luxemburgo na Polônia contra o nacionalismo pequeno-burguês permanece um mérito indiscutível para Lenin. Sua generalização teórica estava equivocada. Lenin a realizou corretamente a partir da grande experiência russa.

Em relação à **questão agrária**, as diferentes concepções também podem ser totalmente explicadas pelas diferentes condições. Onde ainda se precisa superar as relações agrárias feudais ou semifeudais no campo, como na Rússia, mas também em diversos outros países, a fase de transição em que a generalização e o nivelamento das pequenas propriedades camponesas são

inevitáveis. Contudo, por outro lado, a experiência russa posterior demonstra que a construção da indústria socialista entrou rapidamente em intolerável contradição com a continuidade da pequena propriedade camponesa, e que a indústria socialista precisa ser complementada por grandes empresas socialistas no campo. É evidente, porém, que dessa necessidade geral não se depreende que esse passo possa ser dado **a qualquer momento**, mas sim que certas condições reais precisam ser atendidas. Trotsky errou nessa questão ao ignorar essas condições reais. Errou ainda mais ao não compreender que essa transição só poderia ser realizada não **contra**, mas sim em conjunto **com** a grande maioria dos pequenos e médios camponeses. Se é verdade que a fase de transição do campesinato pobre na Rússia não podia ser ignorada, então é igualmente verdade que, em condições diferentes, o objetivo da grande empresa agrícola socialista pode ser alcançado em outras etapas mais curtas e, em parte, por outros meios.

Na revolução proletária também, e de forma bastante particular nela, a dialética histórica se faz sentir, na medida em que o mesmo método provoca transformações em direções opostas, dependendo das diferentes condições prévias, e que para os mesmos fins, em circunstâncias diferentes, são por vezes necessários meios e métodos contrários.

Algumas questões da organização revolucionária podem servir de exemplo. Na Rússia, Lenin questionou inicialmente a centralização revolucionária mais rígida contra os mencheviques, numa situação em que se tratava de distinguir claramente entre os elementos da revolução proletária e da revolução burguesa. A forma flexível de organização revolucionária defendida pelos mencheviques era a expressão organizacional da predominância de elementos intelectuais burgueses-revolucionários, enquanto a centralização mais rígida era a expressão organizacional do caráter de classe revolucionário proletário do movimento. Como era diferente da Alemanha pré-guerra! A forma mais acentuada de centralização organizacional era representada pela burocracia partidária, mais ou menos corroída pelo oportunismo. O domínio da tendência oportunista se expressava organizacionalmente pela predominância de um aparato partidário estritamente centralista e oportunista. Contra isso, a tarefa era apelar para a **autoatividade revolucionária dos membros**. Na Rússia, o princípio da centralização estrita estava ligado à tendência proletário-revolucionária, enquanto na Alemanha era o oposto, onde esse princípio estava ligado à tendência oportunista-pequeno-burguesa-

burocrática. O mesmo princípio organizacional formal, na verdade, combinava conteúdos contraditórios tanto em relação à direção quanto, em última análise, aos objetivos de classe. Na Alemanha, portanto, a primeira tarefa era atacar o centralismo oportunista-reformista-parlamentar, destruí-lo, a fim de criar as condições prévias para a centralização revolucionária. Um percurso dialético clássico de desenvolvimento: da centralização oportunista à sua abolição e, finalmente, à centralização revolucionária.

Contudo, a centralização revolucionária também passa, por sua vez, por um novo processo dialético de desenvolvimento.

Isso se mostra de forma mais tangível na questão do “revolucionário profissional”. O “revolucionário profissional” é um produto e uma ferramenta necessários da liderança da organização revolucionária **que é ilegal e ainda não é uma organização de massas**. Na organização **de massas** comunista **legal**, não há lugar para o “revolucionário profissional” **nesse sentido**. Aqui, à medida que o movimento cresce, o “revolucionário profissional” se transforma com muita facilidade no burocrata carreirista sem caráter, política e materialmente corrupto, para quem o movimento revolucionário é uma fonte de sustento, de carreira, de cargos parlamentares e outros.

Do centralismo revolucionário surge novamente, em um plano superior, o perigo do centralismo burocrático, tornando-se um obstáculo, um entrave ao movimento, e contra ele é preciso apelar para a independência revolucionária das fileiras do partido. Será que esse perigo está presente hoje na Internacional Comunista e em suas seções? Sem dúvida! Conseqüentemente, porém, nessa questão, também hoje, não se trata de Lenin ou Luxemburgo, mas de Lenin e Luxemburgo. Isso significa que defender o princípio leninista da centralização revolucionária hoje exige uma luta contra a degeneração burocrática, oportunista ou ultraesquerdista em centralismo burocrático, exige um apelo à independência revolucionária dos membros do Partido Comunista no espírito de Rosa Luxemburgo. Nessa luta, porém, podemos também nos referir a Lenin, que iniciou a luta contra o burocratismo partidário e estatal no vitorioso Estado soviético. Esses são apenas alguns exemplos de uma lição geral que ainda se aplica a uma variedade de situações práticas.

A burocracia partidária percebe Lenin e Luxemburgo como opostos, demonstrando assim que não compreendeu nenhum dos dois. Contrapomos

à burocracia não apenas o vínculo formal, mas também o espiritual entre esses dois grandes campeões revolucionários da classe trabalhadora e seus mais próximos companheiros de armas, suas características complementares como líderes revolucionários, como praticantes e teóricos. O que os une é que aplicaram o **mesmo princípio** em diferentes níveis, situações e esferas da grande totalidade da revolução mundial.

Este todo transcende também os maiores indivíduos. A grandeza individual dos líderes revolucionários está sujeita à lei da dialética: ela só existe na medida em que não é apenas um indivíduo, mas algo geral, participando da grandeza da causa da revolução proletária. Quando se tenta colocá-la em ação contra ou independentemente dela, os maiores talentos e dons individuais se reduzem a **um** verdadeiro zero, como demonstram exemplos evidentes.

\* \* \*